

PURO INÓSPITO

ou a transcendência
dos objetos corpóreos



Reafirmando a estreita ligação que se tem vindo a criar já há uns anos entre a Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, por via da unidade curricular de Tapeçaria da licenciatura em Pintura, e a Câmara Municipal de Portalegre, através do Museu da Tapeçaria de Portalegre — Guy Fino apresentamos mais uma exposição no âmbito do ARTLAB — Tapeçaria Contemporânea, desta vez com o título Puro Inóspito ou a Transcendência dos Objectos Corpóreos.

Este ano, a sexta exposição do ARTLAB em Portalegre, levamos as reinterpretações da tapeçaria portuguesa moderna e contemporânea À Galeria de Exposições temporárias do castelo, tecendo também assim uma rede que se pretende que possa estimular a circulação entre os espaços culturais da cidade.

Em Puro Inóspito ou a Transcendência dos objectos corpóreos, estes artistas/alunos transcendem as convenções e apresentam objectos artísticos surpreendentes e desafiadores. São peças que interpelam o visitante, obrigando a prolongar a sua contemplação em busca de novos sentidos.

Talvez este seja um dos principais objectivos deste projecto, não se limitar a mostrar peças artísticas, mas exortar à reflexão sobre o contexto artístico actual para se aprofunde a expressão e o desejável diálogo entre o artista, a sua criação e o observador, que somos todos nós. E em todo este processo, a Tapeçaria afirma-se como mediador e elo de ligação entre as partes. Entre a tradição, a manufactura, a criação, a arte e a pedagogia, vão sendo construídas “a teia e a trama” de novas abordagens capazes de revelar a efemeridade da nossa existência e de nos confrontar com a finitude... para concluirmos que o nosso legado tem de ser uma permanente manifestação de beleza para que este mundo veja a cor da vida, em contraponto com o isolamento do 2Puro Inóspito ou a Transcendência dos objectos corpóreos”.

Trabalhando na defesa e promoção da Tapeçaria Contemporânea, estamos a promover a produção cultural como ancorado desenvolvimento cultural e a afirmar a identidade e as idiossincrasias deste nosso território, também através da cultura e da criação artística.

Obrigado ao Prof. Hugo Ferrão e à Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa por esta colaboração sempre entusiástica e que contribui de forma inequívoca para que a Câmara Municipal de Portalegre possa continuar a diversificar a oferta existente, dando a conhecer diferentes expressões artísticas, apoiando e divulgando os artistas debutantes e consagrados.

PURO INÓSPITO OU A TRANSCENDÊNCIA DOS OBJETOS CORPÓREOS

ARTLAB Tapeçaria Contemporânea

A exposição que se realiza na Galeria de Exposições Temporárias do Castelo de Portalegre reafirma a ligação estabelecida entre a unidade curricular de Tapeçaria da Licenciatura em Pintura da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, o Museu de Tapeçaria de Portalegre Guy Fino e a Câmara Municipal de Portalegre, envolvendo a Presidente da Câmara Municipal, Doutora Adelaide Teixeira, a Diretora do Museu Dr.^a Paula Fernandes, a Dr.^a Emília Mourato Silva e o Professor Hugo Ferrão da Faculdade de Belas-Artes.

No actual contexto artístico internacional a presença da materialidade da tapeçaria e do têxtil tem sido uma constante (sinalizamos a crescente presença da tapeçaria e do têxtil na Veneza, desde 2009 — 2019), bem como na Contextile 2018 e também na artista plástica Ana Vasconcelos (1971) representando Portugal na Bienal de Veneza (2013) e no Palácio de Versalhes (2012), na formalização e reinvenção do têxtil, da Tapeçaria Contemporânea, da *Fiber Art* e da *Textil Art*, numa constante evocação do legado e património preservados e expandidos por personagens visionárias, a nível nacional, com Guy Fino (1920-1997) e Manuel do Carmo Peixeiro (1893-1964), figuras fundadoras do projecto da Manufatura de Tapeçarias de Portalegre (1946), que reuniu artistas de múltiplas nacionalidades e através da sua inquestionável excelência de interpretação e execução, deram visibilidade internacional a um conjunto de pintores portugueses (destacamos apenas: Almada Negreiros e Sara Afonso, Lima de Freitas, Maria Keil, Querubim Lapa, Vieira da Silva e Cruzeiro Seixas) testemunhando a proximidade forte da pintura à tecelagem e à tapeçaria, como podemos constatar na exposição intitulada: « *Sarah Affonso. Os dias das pequenas coisas* », no MNAC — Museu Nacional de Arte Contemporânea (curadoria das Doutoras Maria de Aires Silveira e Emília Ferreira).

As então Escolas Superiores de Belas-Artes de Lisboa e do Porto, fundamentalmente a partir da reforma de 1957 estiveram sempre relacionadas com a Manufatura de Tapeçaria de Portalegre (1946), quer através dos seus professores artistas (Guilherme Camarinha (1913-1994), Luís Filipe Abreu (1935), Rocha de Sousa (1938) e Rogério Ribeiro (1930-2008), quer pelos regentes da recente unidade curricular optativa de Tapeçaria que passou a fazer parte do *currículo* da Licenciatura em Pintura (Guilherme Camarinha no Porto e em Lisboa João Conceição Ferreira (1930) com a participação de João Rocha de Sousa.

Os alunos que inicialmente frequentaram esta disciplina elaboravam os cartões, posteriormente entregues às aprendizas que os realizavam para se treinarem (regra geral esta aprendizagem levava aproximadamente 7 a 8 anos). Foram, no caso das Belas-Artes de Lisboa, realizadas anualmente uma visita de estudo à Manufatura (este ritual académico ainda hoje se mantém), onde se ganhava a consciência da enorme complexidade de todo o processo desde a selecção da lã, às paletas de mais de 2000 tons de uma única cor e às ressonâncias sonoras do bater dos pentes para acamar os fios de trama à luz que atravessava os janelões permitindo decidir a afinação da cor. Ainda hoje me emociono quando entro no espaço mágico da Manufatura pela

densidade simbólica incorporada nestes «objectos corpóreos» que nos questionam e surpreendem quando os contemplamos longamente.

Como regente e docente desta unidade curricular sempre tentei conciliar tradição e modernidade, no manuseamento dos instrumentos, na transmissão das técnicas básicas, na descoberta de matérias transmutadas em materiais plásticos expressivos, fazendo parte da linguagem e das competências e valências adquiridas pelos alunos no nível de iniciação. Em fase posterior os projectos realizados pelos discentes devem instaurar uma dimensão actual fazendo convergências entre a Tapeçaria Contemporânea, a *Fiber Art* e *Têxtil Art*.

As obras dos alunos e dos professores, nas suas múltiplas configurações foram mostradas também como testemunho das boas práticas pedagógicas, científicas e artísticas realizadas na unidade curricular de Tapeçaria, concretizando projectos dos quais destacamos: «Tramas, Visibilidade das Invisibilidades — Tapeçaria Instalativa» de Isabel Barreira e Sónia Aniceto (Jardins do Palácio Nacional de Queluz — 1999); *TEXERE — Textile Education and Reserch in Europe*, (Lisboa — 2002); «ArteLab21 — Tapeçaria Contemporânea, 2010», *ArteLab Futuro — Tapeçaria Contemporânea, 2011*», «ArtLab — Protocolo Experimental, 2014» e «ArtLab — Ur, Trilogia de Mundos — Tapeçaria Contemporânea, 2015-16», na Galeria de Exposições Temporárias do Museu de Tapeçaria de Portalegre — Guy Fino; «ArtLab — *Next Vision*, Tapeçaria Contemporânea, 2012» e «ArtLab — Módulo/Padrão Têxtil, 2014», Galeria de Exposições Temporárias do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior; *ArtLab — Protocolo Simbólico Tapeçaria Contemporânea, 2015*» Galeria da FBAUL e «ArtLab — Mitos e Rituais da Tapeçaria Contemporânea, 2016», «ArtLab — Terra Incógnita» 2017/18; Galeria da Oficina Cultural do Instituto Politécnico de Viana do Castelo e por último as participações da Contextile 2016 e 2018.

Esta exposição intitulada: «**Puro Inóspito ou a Transcendência dos Objectos Corpóreos — ArtLab — Tapeçaria Contemporânea**», procura introduzir-nos numa «territorialidade imagética» em que as coisas ao fazerem parte do mundo do pintor são na realidade a superfície do visível. Este fluxo incessante de transformações é observado, ensaiado de forma a permitir instaurar uma ordem artística (cosmos) que transcende o impacto da fascinação e pavor perante a natureza (Ernesto Grassi). Embora as obras que vos apresentamos possuam uma multiplicidade de técnicas, o campo da arte nunca poderá ser redutível, ou ancorada nos processos técnicos, porque o seu domínio sempre questionou a nossa condição humana de sobrevivência, transmutando essa aparente intransponibilidade perante a possibilidade de transcendência dessa incapacidade de lidar com a morte do autor ou das formas visivas que este nos colocou em campo.

Os «objectos corpóreos» entendidos como tapeçarias contemporâneas, reconhecidas como «coisas» que podem ser vistas em fragmentos momentâneos de um mundo construído e partilhado por cada autor ao desvendar na materialidade da obra a sua presença imagética (visível) que se torna comunicação multidimensional. As teias, as tramas, os pontos tafetá, ou portugueses, as rendas, os bordados, os alinhavos, as colagens, as estampagens, e os próprios dispositivos criados para a sua apresentação são indissociáveis da carne da obra e da necessidade imperiosa de estabelecer

sentido e significação ao fluxo arbitrário que nos chega de um «puro inóspito» que é cartografado pelos nossos sentidos desde o dia em que nascemos até ao momento em que morremos. A consciência da brevidade temporal da nossa existência é o motor invisível que leva o artista a empreender uma viagem feita de imagens da sua relação com o caos, que é capaz de presenciar, mas ao qual «adiciona» ordem e humanidade.

Neste projecto inscrevem-se as dinâmicas desenvolvidas na unidade curricular de Tapeçaria, em que o papel central é desenvolver e testar metodologias pedagógicas, científicas e artísticas que conduzam à instauração de um **ArtLab**, onde seja possível reflectir e teorizar sobre o atual contexto artístico com o propósito de se desenvolverem novas propostas baseadas na experimentação de matérias e materiais tradicionais e contemporâneos, capazes de «coisificar» obras distantes do «imediatismo relector» que caracteriza os nossos dias de «puro inóspito». Estas exposições visam recentrar a especificidade da linguagem da tapeçaria evitando a sua solvência em hibridismos inconsequentes, afirmando um processo que se inicia no seio da Faculdade de Belas-Artes e se consolida através de projectos, em que cada aluno se transmuta «alquimicamente» num autor capaz de programar, identificar temáticas, experimentar, descobrir, inventar, criar e praticar técnicas capazes de intensificar a expressividade do seu discurso.

Esta mostra-se estrutura-se através de três grupos de «objectos corpóreos» que são identificados pela numeração romana de I, II e III. No «Objectos Corpóreos I», fazem parte os artistas Alves Dias, Leonor Serpa Branco e Joedy Marins, representando a memória e o legado da Tapeçaria Contemporânea que continuam activos e cujas obras possuem uma dimensão quase que intemporal.

No «Objectos Corpóreos II», existem os testemunhos artísticos dos professores da disciplina, no caso do Hugo Ferrão manifesta nas obras a intencionalidade essencial dos materiais e matérias fundadores da Tapeçaria (linhas, tecidos, agulhas) que inventam corpos que aparentam emaranhados de tessituras, já a Susana Pires concebe obras motivadas pelo vestígio do toque revelador da sensualidade e sensorialidade de um corpo intuído.

Por último no «Objectos Corpóreos III», encontramos uma explosão de propostas, com enorme diversidade de criatividade por parte dos alunos seleccionados que frequentam a unidade curricular de Tapeçaria: Ana Rita Esteves, Andreia Jesus, Ânia Pais, Aline Welmer, Daniela Landeiro, Joana Leão Alves, Joana Batista, Maria Inês Marcos, Maria Madeira, Maria Nascimento e Margarida Vinhais. A maioria das peças são respostas de enorme qualidade e actualidade, realizadas num contexto que por vezes é muito limitativo, com toda a generosidade que caracteriza a juventude, materializaram mundos em forma de objectos corpóreos poéticos de uma subtilidade surpreendente (Andreia Jesus, Ânia Pais, Maria Inês Marcos, Margarida Vinhais, e Pedro Ventura) ou funcionalidades que suavizam a existência (Maria Madeira, Ana Rita Esteves e Joana Batista). Neste tempo magnífico em que fui professor de «criaturas mágicas» a quem chamei de alunos pelos seus nomes, fomos capazes de nos olhar nos olhos em busca de humanidade e conhecimento e por breves instantes, sentimos que fazemos parte de uma comunidade de seres que desejam mediar a tragédia da vida através de «objectos corpóreos» capazes de despertar mais sentido perante o «puro inóspito» da vivência.

Concluo referindo o privilégio de ter trabalhado com a Presidente da Câmara Municipal de Portalegre Doutora Adelaide Teixeira, pelo seu entusiasmo, determinação e visão, assumindo papel determinante na concretização de todas as exposições realizadas na Galeria de Exposições do Museu de Tapeçaria de Portalegre — Guy Fino, com uma equipa liderada pela Dr.^a Paula Fernandes e pela Dr.^a Emília Mourato Silva, não esquecendo a D.^a Fernanda Fortunato e o sr. João Gonçalves, figuras míticas da Manufatura de Tapeçarias de Portalegre e ainda referir a necessidade de se projectarem parcerias entre a Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa e a Câmara Municipal de Portalegre com o objectivo de criar na cidade de Portalegre, num futuro próximo um polo internacional de Tapeçaria Contemporânea.

Casa das Três Colunas, Amieira do Tejo, Novembro 2019

Hugo Ferrão

Regente das unidades curriculares de Tapeçaria

— Licenciatura em Pintura

CIEBA — Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes

OBJETOS CORPÓREOS I

Alves Dias
Joedy Marins
Leonor Serpa Branco

OBJETOS CORPÓREOS II

Hugo Ferrão
Susana Pires

OBJETOS CORPÓREOS III

Aline Welmer
Ana Rita Esteves
Andreia Jesus
Ânia Pais
Daniela Landeiro
Joana Batista
Joana Leão Alves
Margarida Vinhais
Maria Madeira
Maria Marcos
Maria Nascimento

OBJETOS CORPÓREOS I

“Alves Dias revela-se senhor de grande sensibilidade ao que o rodeia e impõem-se nele a necessidade de transportar para o seu trabalho essa mescla de emoções.”

“Alves Dias cultiva esse universo dicotômico entre o silêncio de Si e a expressão da força e labor com que exterioriza o pensamento. Assim, recria no exterior o mistério que advém do que dista de nós e a mensagem que intui em monólogos e/ou diálogos com o que não é palpável e que conhecemos como conceitos do maravilhoso, que nos transcende. Alves Dias é um companheiro do caminho indecifrável do sonho e tal como no Saber Agostiniano:”
“... O caminho faz-se caminhando...”

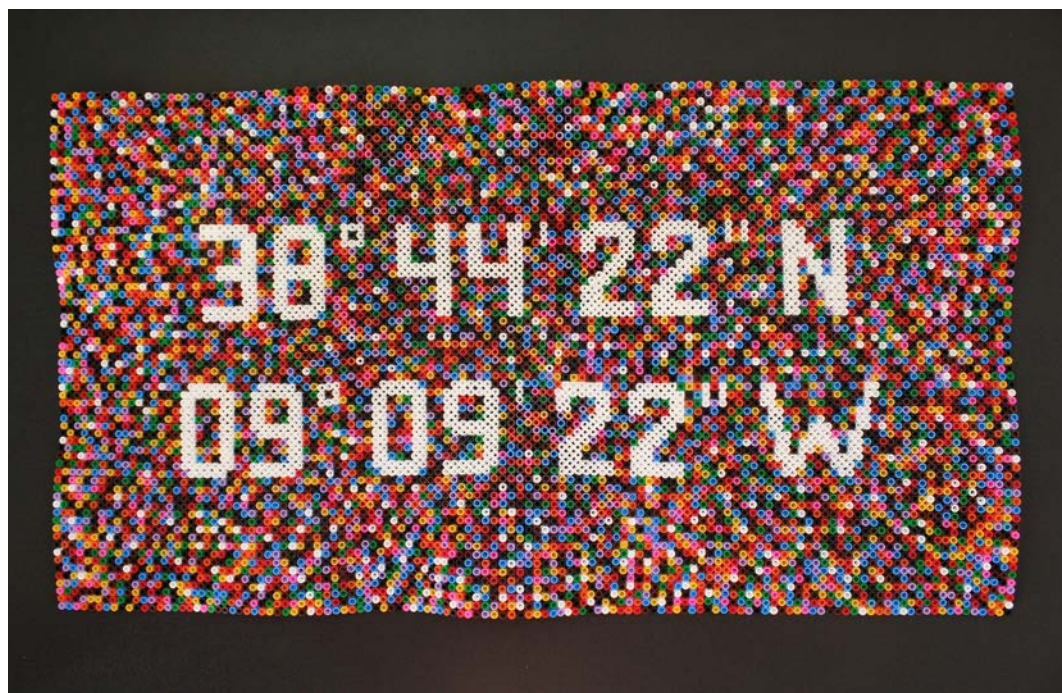
Maria Delfina Macedo

Julho de 2012



A Joedy Marins apresenta duas obras da série intitulada: «Ilhas», resultantes da vivência e do impacto espacial da cidade de Lisboa. Existe na autora uma visão holística, integradora que influencia e migra para as obras produzidas, adquirindo a condição de quase «objectos corpóreos», sustentados por uma pesquisa poética desenvolvida no pós-doutoramento, no CIEBA — Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes da Universidade de Lisboa Universidade de Lisboa, em que as múltiplas perspectivas desenham inusitadas abordagens, implicando a própria noção de ancoragem num lugar indeterminado e na localização em tempo de nomadização numa paisagem de não lugares que caracterizam a instantaneidade do perpétuo presente. Este enigma da territorialidade geográfica e pictórica assume-se a partir de noções de «deslocamento cartográfico» e de um colectivo inconsciente que gera a intuição e a importância de pertença cultural a algo. As obras são de uma elaboração cuidada, evocando um tempo dilatado de execução, manifestam e simultaneamente questionam as ambiências de uma cultura de massas individual institucionalizada, através da constante celebração da banalidade e veiculada pela circularidade do fluxo de imagens digitais geradoras de um imaginário pixelizado. A intencionalidade da instauração de algarismos com referências cartográficas sinalizam e intensificam o «não ser», das «ilhas» que se recortam acidentalmente de um oceano de catástrofes através que só é capaz de recortar acontecimentos e emoções plagiadas de algum algoritmo suspenso num ecrã de alguma máquina em qualquer lugar virtual.

Hugo Ferrão



Ilha 1
Assemblage
Polipropileno
88 x 58 x 5 cm
2017

Tecer os fios

Sabendo que não pode haver pressa

É outro tempo que surge

E as formas nascem tecidas através das mãos que não pensam

Procuram-se os fios

Perdemo-nos neles

É difícil encontrar a essência

Perceber outro tempo, outra dimensão

Tomar consciência

Perceber a quietude no silêncio

E deixar acontecer



OBJETOS CORPÓREOS II

As obras que designámos como «Objectos Corpóreos» fazem parte de uma série que congrega materiais desordenados que tentam, aleatoriamente, organizar formas em cartolinas prensadas, perfuradas, agredidas que são posteriormente manipuladas e enredadas em elementos têxteis que simbolicamente revestem estes «corpos». A sua natureza orgânica e incontrolada contrasta com a ortogonalidade das letras e números «O.C. 1 — 6», que fazem parte de alfabetos em que as letras são recortadas em metal acentuando a «obrigatoriedade» de ser reconhecido num sistema cada vez mais letal da criatividade.

Esta série pretende caracterizar a forma predominantemente emocional, sensacionalista e tecnicista que caracteriza a presente «formatação artística», incapaz de gerar actos de transcendência instauradores do ser, que habita cada um de nós, e cujo fundamento se desconhece mas é motor de humanidade (Ernesto Grassi). A visibilidade da «composição dos mitos — objectos corpóreos» passa pela construção de «narrativas» com as quais o artista é capaz de «alquimicamente» operar mundos espelhando a forma como observa essa realidade fragmentada. A maior consciência da vacuidade e circularidade fetichista de um sucedâneo da arte, confronta-nos com a massificação intensificada pela indústria do entretenimento em que o indivíduo enquanto autor é um mero acidente e apenas um recolector de estereótipos, cujo «programa» mantém a hibridiz dispersiva de uma possível identidade artística.

Objectos Corpóreos 1 a 6
Técnica mista
Fios de lã, algodão, tecidos
de algodão e sintético; papel; colagem,
tintas acrílicas
70 x 50 cm
2019



Conversa tangível I, II são dois módulos de uma instalação composta por três desenhos tridimensionais sobre e entre tecidos. No seu interior encontramos registos tangíveis, inscrições e construções que decorrem da memória háptica do encontros conciliadores entre sujeitos, anamneses dérmicas de corpos que se tocaram.

Os três desenhos estão envoltos por uma membrana dupla semi-transparente. Esta membrana que inflama os limites da visão revela-se como condição de possibilidade de uma outra percepção. De forma redundante, esse tecido simultaneamente conjuntivo e disjuntivo endossa um índice de visibilidade mínima do espaço intermédio entre aqueles que atentem a percepção da obra.



Conversa tangível I, II
Malha de seda, segunda pele
e linha de algodão
300 x 150 x 15 cm (x2)
2017

OBJETOS CORPÓREOS III

Nesta obra, exploro a multiplicidade de materiais naturais e sintéticos, alguns pequenos elementos recolhidos diretamente da natureza que incorporo nos materiais processados pela mão humana.

Pretendo refletir sobre o comportamento da matéria têxtil em diálogo com os outros elementos naturais e também pictóricos. A flexibilidade dos fios, a sua fluidez e liberdade de estar no espaço, criando formas próprias e mutáveis dialoga com pequenos formas rígidas e fixas tensionadas na vertical. Com base no pensamento heideggeriano, a relação entre matérias expressa a relação entre os entes, que só se mostram quando se relacionam, no diálogo, num jogo de se mostrar e esconder e nessa relação se faz mundo. O mundo acontece na interdependência dos entes, na multiplicidade dos seres.



Diálogo (fragmento)

Técnica mista

Base em sarapilheira, gesso acrílico,
tinta acrílica, linhas, lãs, vagens, algas, tecidos,
gaze, metal, penas, papel

115 x 400 cm

2019

CANDEEIROS ZUL

Zul, apresentam-se como dois candeeiros que são o oposto um do outro, seja na cor, maneira de projetar a luz ou até mesmo na sua estrutura, sendo que um é de teto e outro é de pé, mas seguindo a mesma linha de pensamento. O objetivo foi projetar duas peças de design funcionais que conseguem concretizar-se como peças escultóricas, despindo a forma da sua função, ao mesmo tempo que se enquadram como elementos decorativos nos contextos em que se inserem.

Para além de procurar o sentido estético através da luz, são projetadas de maneira a aliar o design de produto ao têxtil, com a intenção de vidrar os olhos nestas peças imponentes que falam por si só.

Zul, apresenta-se como um candeeiro que se impõe pela maneira como a luz se difunde pela cor, como esta foge das partículas textéis ou até mesmo na sua estrutura majestosa. O objetivo foi projetar uma peça de design funcional que consegue concretizar-se como peça escultórica, despindo a forma da sua função ao mesmo tempo que se enquadra como elemento decorativo no contexto em que se inser.

Não passando despercebido, procura o sentido estético através da luz, e é projetado de maneira a aliar o design de produto ao têxtil, com a intenção de vidrar os olhos nesta peças imponente que fala por si só.

Candeeiro branco: Zul
Fio de nylon 3mm, luz LED branca,
cabos de aço, bastidores
400 x 2000 mm
2018



Materialidades Espirituais

O meu imaginário está povoado por imagens que nos remetem para o cristianismo primitivo, na sua pureza ancestral.

Os símbolos que permitiam a comunicação velada de uma mensagem de esperança entre pessoas que desejavam mais humanizada para todos os seres humanos, foram

o ponto de ancoragem para a elaboração destas obras que funcionam também como um conjunto instalativo, que na sua essencialidade articula materiais de extrema dureza como o ferro oxidado (teia), associado à presença do corpo em contraste com a leveza e suavidade dos elementos têxteis (lã, linho; plástico; seda; algodão) tecidos e bordados que evocam o silêncio espiritualizado dos sinais e dos símbolos que ainda hoje encerram e são portadores da visibilidade intimista que caracteriza o domínio da arte.



Materialidades Espirituais
Técnica mista
Materiais têxteis com metal
8,5 x 8,5 cm (um elemento)
60x80 cm (total)

A realização da minha obra enquanto artista necessita de uma experimentação e criação constantes. Onde considero que o impulso criativo, o interesse, a intuição e a vontade interior de expressar algo, na maioria dos casos, é causa de uma necessidade de criação que se sobrepõe a um conhecimento, raciocínio ou conceito definidos a priori. A intuição e a experimentação permitem-me explorar e ter acesso a várias formas de expressão, não limitando a originalidade, a criatividade e a vontade de criar. Permitindo que haja um contacto mais profundo comigo mesma e com a natureza, essa que me serve de inspiração e onde procuro uma ligação com a minha obra. Consequentemente, o conceito e a razão não criam uma delimitação para o que se pode entender da obra, ou seja, a obra não é vista como um significado para algo, mas que ela mesma seja o seu significado, que contenha nela mesma uma identidade, que se imponha e viva por si mesma, ou seja, que contenha em si alma. A imitação das coisas não é suficiente e não pode ser um meio para um fim, pois nunca será suficiente para poder exprimir o meu universo interior. A representação deve ir para além do que é meramente visível e apreendido à primeira vista, deve existir uma nova transformação na interpretação do que se vê e como se vê, fazendo a obra imergir dos meus pensamentos, emoções e interioridade, resultado de uma reflexão e questionamento relativamente ao “ser”.

Epifania
Instalação
Série de 5 pinturas
Acrílico s/ pano
200 x 135 cm
2019



Cruzar, sentir e partilhar são as 3 palavras chaves de resumo do meu trabalho tentado chamar a atenção dos espectadores, tentado partilhar a minha história e o meu dia a dia com eles. Fazendo assim com que eles sintam tudo tal como eu senti ao longo deste percurso.

Além do objeto existe também um manual de instruções (fotos) a explicar o que se deve fazer, mas não necessariamente, pois vou mostrar o meu percurso como eu o fiz como eu me entrelacei e “brinquei” com os fios, mas cada um deve fazer o seu manual de instruções e criar o seu jogo, o seu percurso. O meu percurso inicia-se em casa que se localiza em São João da Talha, de seguida o meu caminho é realizado de carro até chegar à faculdade. Neste percurso decidi tirar fotos aos locais que encontrava pelo caminho. Após este exercício fiz uma seleção das fotos e reparei que o que eu encontrei e observei eram zonas indústrias, zonas em construção ou até em demolição.

Partindo destes três pontos Industrial, construção e desconstrução, segui o meu caminho trabalhando as formas e os planos que estavam representados nas fotos tiradas. A fotos eram de prédios em construção, de guias de chaminés em fábricas, de contentores, de camiões, de portas de casas velhas, etc.

A minha obra consiste numa estrutura em ferro no qual fiz furos e passei fios. Tentando representar assim os planos, as linhas os cruzamentos e interseções do meu percurso e o amarelo remete às guias das zonas indústrias e de construção.



Naturezas Mortas

Esta é uma história sobre vestígios, pegadas e rastros.

É uma história sobre as consequências de uma
passagem destrutiva.

É sobre sufoco.

É uma história sobre o fim.

Mas acima de tudo, esta é uma história sobre o recomeço.

É sobre aprendizagem e respeito.

É sobre harmonia.

É uma história sobre partilha.

Naturezas Mortas
Caderno (instalativo) com 9 folhas
têxteis em algodão, pigmentadas
e bordada
21 x 29 cm (7)
2019



O trabalho desenvolvido prende-se com o espectáculo em que participei, *A Pele Que Há Em Mim*, um espectáculo que tem como base a inclusão e a ideia da pele como algo que nos une mas também nos diferencia, algo que é comum a todos mas nunca é igual de uns para outros, explorando relações humanas. Uma forma de trazer o lado performativo relacionando o elemento do toque e dos corpos que se tocam.

O trabalho relaciona a percepção do eu e a relação que cada um de nós tem com a sua própria pele.

As fitas surgem como uma extensão da pele sendo todas semelhantes, como uma camada exterior que é comum e parecida a todos e que de certa forma esconde as tais características pessoais.

Como complemento à peça principal dois panos crus pintados apenas a preto e branco, de forma errática como os movimentos que somos levámos a fazer na nossa vida, no espectáculo, na dança, na forma como nos conhecemos, aproximamos e criamos ligações uns com os outros.



Uma outra pele

Pano cru, tinta acrílica, fita
de espinha, fio de algodão
200 x 300 cm
2019

Memória do Esquecimento aborda questões ligadas às memórias de sombras referentes a vestígios do passado que devido à sua fugacidade e vulgaridade são frequentemente arrumadas na gaveta do esquecimento. Todo o meu ciclo de trabalho tem início num processo natural onde os corpos são duplicados em sombras devido ao contacto dos raios solares com a sua condição física. A minha intervenção começa quando capto por meios fotográficos essas imagens espectrais e mais tarde as transformo em pinturas. As peças têxteis surgem como terceira etapa, permitindo-me desmaterializar as pinturas em diferentes camadas compostas por tafetá e croché. Todo o cromatismo presente nas camadas de croché refere-se a registos diários, gráficos e cromáticos de emoções e experiências pessoais, permitindo-me criar uma dicotomia entre a representação de um rasto físico universal e de um extremamente íntimo e pessoal.



14.M.E. (do projeto Memória
do Esquecimento)
Ponto tafetá em lã e croché
em algodão
25,5 x 25,5 cm
2018

Este projeto nasceu de uma aproximação entre o têxtil e a minha área de estudo, design de equipamento.

Previo aliar uma componente lúdica, e também útil ao uso do têxtil mas também aos princípios básicos da própria tapeçaria. Assim, foi feita uma trama com duas cores de lona para criar um efeito de xadrez.

Na escolha do material (lona) estiveram presentes duas preocupações: a resistência e a durabilidade em ambientes exteriores.

Da composição do baloiço fazem parte uma almofada e um cinto de segurança incorporados.

Os cabos de sustentação permitem um ajuste do baloiço a diferentes estaturas, conforme a idade da criança.



Baloiço têxtil I
Lona, espuma de poliuretano
e cabos de vela
2018/19

AFOGO

As esculturas têxteis de Maria Marcos são de grande impacto visual e estético, colocam-nos como testemunhas dos impactos surdos e devastadores que fazem parte das constantes agressões à existência de seres criadores do próprio fundamento da espiritualidade, permitindo sentir nos silêncios da vida a construção das utopias a que chamamos humanidade. Estes corpos vestidos de cor negra são rasgados por «formas vaginais», vermelhas de ambiguidade, abertas como se fossem chagas ou fetiches da condição humana, laboriosamente feitas em croché. Estas «coisas», inquietam-nos, são capazes de sugerir domínios geradores de enormes tensões e emoções, potenciadas pela iminência de «afogo», de agonia, que nos trespassa, que nos ferem na teatralidade das máscaras feitas sombras das obras reencontradas na materialidade anunciadora da visibilidade, como se estivéssemos na presença de uma «anulação ancestral», indiscriminada. Os fios que interligam as presenças esculturais, são ramificações contaminantes das formas canibalescas como nos relacionamos com os outros, são uma teia-rede letal, anunciam na sua opacidade os desesperos e as mutilações de vidas inteiras esculpidas na temporalidade dilatada de quem procura outras respostas e se diz através de fios que se entrelaçam poeticamente.

Afogo (fragmento)
Instalação
Série de 2 esculturas têxteis
Lã e veludo, croché
167 x 49 cm
2019



Sintetizando um processo criativo iniciado no princípio da minha carreira artística, estas obras são o culminar de diversas expressões plásticas, não pretendendo retratar nada em específico, mas tendo como tema principal a ideia de conexão, como a junção de componentes dispersos se combina para formar um universo visual coerente, que convida o espectador a aproximar-se e examinar os contrastes entre texturas materiais e elementos.



Silhouette
Colagem têxtil, técnica mista
231 x 298 cm
2019

CURRICULA VITAE

OBJETOS CORPÓREOS I



ALVES DIAS

alvesdias5@gmail.com

Vila de Rei 1952, vive e trabalha, em Massamá, Portugal. **1972** — Curso de Pintura, da Escola Artística António Arroio, em Lisboa. **1972 a 2008** — Exerceu a profissão de professor no Ensino Particular e Oficial, lecionando as disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica. **1980** — Conclui o Estágio Profissional nas áreas de Papéis, Cerâmica, Madeiras e Têxteis. **1982** — Interessa-se e dedica-se à Tapeçaria Contemporânea, pesquisando novas formas, criando volumes e texturas, com diversos materiais. **1984** — Curso de Formação em Tecnologia de Materiais Específicos na Universidade de Aveiro. **1988** — Dirige Cursos de Tapeçaria, em Queluz e ingressa no Atelier de Gisella Santi. **1989** — Retoma a sua atividade como Pintor e integra o Grupo 3.4.5. — Associação de Tapeçaria Contemporânea Portuguesa. Divulga a Tapeçaria Contemporânea, orientando, aulas em Centros de Tempos Livres a nível do Ensino Oficial. **1993** — Curso Utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação em Contexto Educativo, na Escola Superior de Educação, em Lisboa. **1997/99** — Frequência da Licenciatura em Ensino de Educação Tecnológica, na Universidade Aberta, em Lisboa. **1998** — Júri de Seleção no IV Simpósio de Tapeçaria Contemporânea, em Loures. **2011** à atualidade — Faz parte da direção da Associação do Círculo Artístico e Cultural Artur Bual. **2012** — Curso Financiamento de Projetos Culturais através de Patrocínio, Mecenato e Crowdfunding, na Sociedade da Língua Portuguesa, em Lisboa. **Exposições:** realizou mais de trinta exposições individuais e mais de cento e sessenta coletivas em, Museus, Galerias Municipais e Galerias Particulares, em Portugal, Espanha, Brasil, Canadá, França e Macau. Participou nas Exposições ARTELAB Tapeçaria Contemporânea, realizadas pela Faculdade de Belas-Artes Universidade de Lisboa (2015 e 2017), no Museu da Tapeçaria de Portalegre-Guy Fino, em Portalegre e no Instituto Politécnico de Viana do Castelo (2016). **Bienais:** foi selecionado para a 1ª Bienal Nacional de Tapeçaria, em Matosinhos (1988), para o I e II Simpósios de Tapeçaria Contemporânea (1991, 1993), 1º Encontro de Tapeçaria Portuguesa Contemporânea (2000), em Loures e para as Bienais Internacionais de Arte Têxtil Contemporânea "CONTEXTILE" de 2014 e 2018, em Guimarães e como

artista convidado, para representar Portugal, na 8th International Biennial of Contemporary Textile Art WTA Madrid Spain, em 2019. **Prêmios:** 1993 — 1º Prémio de Pintura no concurso de Artes Plásticas do Instituto Irene Lisboa. 1994 — Prémio dos Sócios da Sociedade Nacional de Belas Artes, em Lisboa. **Distinção:** 1996 — Menção Honrosa na 1ª Bienal de Pintura "Prémio Cardoso Lopes", na Amadora. **Referências:** está referenciado em alguns livros e revistas de arte, bem como a nível da Tapeçaria e Arte Têxtil Contemporânea, na defesa de mestrados e doutoramentos, na Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa. **Coleções:** está representado em várias coleções de arte pública e privada.



JOEDY MARINS

joedymarins@gmail.com

Natural de Assis, São Paulo/ Brasil. Reside em Piratininga, São Paulo/ Brasil. É bacharel em Artes Plásticas pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (1991); mestre em Comunicação e Poéticas Visuais pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, da Universidade Estadual Paulista (Bauru/ Brasil, 1998); é doutora em Ciências da Comunicação (Comunicação e Estética do Audiovisual) pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (São Paulo/ Brasil, 2004). É docente do Curso de Artes Visuais da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista (Bauru/ Brasil). É líder do grAVA- Grupo de Pesquisa em Artes Visuais e Audiovisual, no qual investiga linguagens e processos de criação na arte contemporânea. Atualmente desenvolve pesquisa de pós-doutoramento no CIEBA/ FBAUL, Universidade de Lisboa, sob a orientação do Prof. Dr. Hugo Ferrão. Em sua poética, investiga a manifestação do feminino e dos lugares de intimidade, dentro de uma abordagem que transpassa linguagens, seja nas relações do desenho com a produção têxtil, a escultura, o objeto ou a fotografia. A poesia no fazer, o caminho do traço e a essência nas relações humanas e na vida em si estão entre seus maiores interesses ao criar, daí o pronunciamento dos fios e da trama.



LEONOR SERPA BRANCO

Lisboa, 1961. Vive e trabalha em Évora. É Licenciada em Pintura pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa (1985). Professora de Artes Visuais na Escola Secundária Gabriel Pereira. Expõe desde 1984, destacando-se as seguintes exposições individuais: *Na Luz dos Dias*, Galeria Évora Arte, Évora, 1992; *Fragmentos do Quotidiano*, Galeria Municipal de Montemor-o-Novo, 1994; *Pintura e Desenho*, Espaço Veredas, Sintra, 1994; *Ecos do Silêncio I*, Galeria Municipal de Albufeira, Albufeira, 1998; *Ecos de Luz*, Galeria Évora Arte, Évora, 2002; *Terra Rosa* – Galeria Évora Arte, Évora, 2008. De entre as exposições coletivas em que participou destacam-se: *IV Bienal Internacional de Arte de Vila Nova de Cerveira*, 1984; *II Bienal de Desenho*, Árvore, Porto, 1985; *1ª Bienal de Arte dos Açores e Atlântico*, 1985; “Nem objetos nem brinquedos”, Atrium da Imprensa, Lisboa, 1987; “Novos Valores na Arte Portuguesa”, Galeria S. Francisco, Lisboa, 1991; Exposição “Prémio Nacional de Pintura, Júlio Resende”, Gondomar, 1991; “Dez artistas Portugueses na Galiza” - Mondariz, Espanha, 1993; “O Papel como Suporte”, SNBA, Lisboa; “Comemorações do Centenário de Florbela Espanca” Grupo Pró-Évora, 1994; *1ª Bienal de Arte AIP* - “Tendências Anos 90” AIP, Porto, 1994; Festival Sete Sóis, Sete Luas, Pontedera, Itália, 1995; “Um retrato para Fernando Pessoa” IPPAR, Évora, 2000; “Aparição dos Anjos às Laranjas” com Cristina Tavares, Edifício Central do Município, Câmara Municipal da Lisboa, Centro de Documentação, 2005; “WAH! (We Are Here!)”, Fundação Eugénio de Almeida, Centro de Arte e Cultura, Évora, 2018. Realizou também painéis cerâmicos, ilustração, cenografias e figurinos para teatro (CENDREV).

OBJETOS CORPÓREOS II



HUGO FERRÃO

h.ferrao@belasartes.ulisboa.pt

Lourenço Marques-Maputo, 1954. Professor Universitário-Artista. Doutoramento em Belas-Artes especialidade de Pintura pela Universidade de Lisboa com a tese intitulada: «*Pintura como Hipertexto do Visível, Instauração do Tecno-imaginário do Citor*» (2007). Equiparação a Doutoramento — Agregação ao 5º Grupo — Pintura como tema «*Ciberarte, Imaginário Ciberpunk ou a Implosão do Futuro*» (1996). Mestre em Comunicação Educacional Multimédia pela Universidade Aberta com a dissertação intitulada: «*Ciberespaço como Matéria do Sonho, Tribos e Territórios Virtuais*» (1995). Pós-Graduação em Sociologia do Sagrado e do Pensamento Religioso pela Universidade Nova de Lisboa com o ensaio intitulado: «*Madonna della Vittoria, versus Sacra Conversazione — Visibilidade e Legibilidade do Discurso Pictórico*» (1992). Licenciado em Artes Plásticas-Pintura pela ESBAL (1985). Professor Associado em Pintura, onde cria as unidades curriculares de Ciberarte e Realidade Virtual, Ciberultura-Ciberarte, regente e docente de Tapeçaria, de fundador do Centro de Investigação em Ciberarte, e do CIEBA — Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes de quem é o primeiro diretor; Investigador Principal da secção de Ciberarte; Presidente do Conselho Científico de 2006-2012, Comissão de Coordenação do Doutoramento da Fac. de Belas-Artes de 2006-2012. Conselheiro da Universidade de Lisboa desde 2011-2017. Conselheiro da Escola Artística António Arroio (2011-2019). Membro Efectivo da Academia Nacional de Belas-Artes (2017). Vice-presidente da AAPTA — Associação de Artistas plásticos e Técnicos Afins (2015). Cria o conceito de «citor», investiga e publica nos domínios da iconografia, simbologia, tapeçaria, ciberarte, ciberultura, hipertexto, realidade virtual e seu impacto na formalização do discurso artístico-pintura. Mantém atividade artística no âmbito da pintura, fotografia e tapeçaria desde 1985.



SUSANA PIRES

pi.susana@gmail.com

Évora, 1980. Licenciada (2004) e mestre (2012) em Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. É atualmente doutoranda da FBAUL na especialidade de Pintura e em 2016 foi-lhe concedida uma bolsa de investigação pela reitoria da Universidade de Lisboa. Desenvolve a sua atividade entre a prática artística, a investigação e a mediação cultural. Foi docente do ensino público. Foi assistente da disciplina de Tapeçaria na FBAUL. Expõe regularmente desde 2003 e tem o seu trabalho representado em várias coleções públicas e privadas. Integrou as seleções Jovens Criadores 2003, os prémios Anteciparte 2005, Contextile 2016 e em 2006 recebeu bolsa de criação artística atribuída pela Direção Regional de Cultura do Alentejo (Jovens Artistas Alentejo). De entre muitas, salienta a exposição individual *Entre o fio e Espelho*, realizada em 2014 no Mosteiro da Flor da Rosa, assim como a exposição colectiva *Fazer Sentido*, patente até Janeiro de 2018 na Casa da Cerca, Centro de Arte Contemporânea de Almada. Foi a curadora da exposição “O Ponto e o Pixel” que integra a coleção dos CTTs na exposição permanente Museu da Tapeçaria de Portalegre — Guy Fino.

OBJETOS CORPÓREOS III



ALINE WELMER

alineowelmer@gmail.com

Espigão do Oeste/Brasil, 1991. Ensino Médio — Brasil. Frequentou os ateliês de Artes Visuais da pintora Fernanda Páscoa e da Pintora Vera Rebelo Pinto. Frequenta a Licenciatura em Pintura da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Exposições colectivas: «Sabedoria das Mãos», Casa Museu Roque Gameiro, Amadora (Tapeçaria — 2013); «O Figura, Homenagem Informal a Fernanda Páscoa», Galeria Municipal Artur Bual, Amadora (Pintura — 2016). Exposições individuais: «Guanaco Café» (Pintura — 2015); «Guanaco Café» (Pintura — 2016); Café Cantinho da Várzea (Pintura — 2015) e Café Cantinho da Várzea (Pintura — 2017).



ANA RITA ESTEVES

Lisboa, 19/12/1998. Ensino básico e secundário, Colégio Marista de Carcavelos. Média Final: 17.8 valores. Ensino Superior: Faculdade de Belas-Artes, Universidade Lisboa, FBAUL. Licenciatura em Design de Equipamento; Mestrado em Design Urbano e Interiores. Línguas faladas: inglês, português (materna), espanhol. Software skill: Adobe InDesign, Photoshop, Illustrator, SolidWorks, Autocad, 3D Max; Keyshot. Outras Skills: Carta de condução B, B1; Música: Violoncelo. Prémios: Vencedora do concurso Energia Limpa, projeto da autoria de Nuno Campos com a parceria da Câmara Municipal de Cascais.



ANDREIA JESUS

andrea.b.p.j1995@gmail.com

Funchal, 1995. 12º ano Escola Secundária Jaime Moniz — Gestão do Ambiente; finalista da Licenciatura em Pintura e Minor em Práticas Laboratoriais de Escultura, Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (2016-2020). *Workshops* em Pintura com Isabel Favila (2009-2015). Experiência nas tecnologias artísticas de escultura (madeira, pedra e cerâmica). Participou na exposição “*Contextile 2018*”, com obra de tapeçaria instalativa e na exposição colectiva Gaba 2018, integrada na mostra da Faculdade de Belas-Artes. Candidatou-se ao concurso «Talentos» do Concelho da Ponta de Sol.



ÂNIA PAIS

Ilha de S. Miguel — Açores, 1998. Viveu e completou a sua formação pré-universitária na freguesia do Teixoso e secundária na Escola Secundária Campos Melo da Covilhã. Atualmente vive em Lisboa e frequenta o 4º ano de Licenciatura em Lisboa na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Ao longo do seu percurso académico sempre teve bastante interesse pelo mundo da arte. Esse interesse desenvolveu-se desde os 6 anos quando começou a demonstrar curiosidade pelo mundo da performance e da representação, frequentando um grupo de dança e vários grupos de teatro. Estes interesses foram aumentando e ganhando consistência assim como o interesse pela pintura, pelo desenho e fotografia. Participou no programa ERASMUS+ na Escola Secundária Campos Melo, tendo sido selecionada para ir à Turquia e Roménia. Até ao presente ano tem vindo a realizar várias exposições coletivas: Ateliers Abertos da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, 2017. “12X12”, Galeria Arte Graça, Lisboa, 2017; Galerias Abertas da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, 2018; 3 pinturas na Inauguração do livro “Não faças barulho. Fui ali gritar que te amava” de João Dordio, Palácio Baldaya, Lisboa, 2018; *Contextile*, Bienal de arte têxtil contemporânea, Palácio Vila Flor, Guimarães, 2018; Young Minds Matter, Lisboa, 2018; 9ª Edição da AAVG de

Lisboa, como Artista Convidada, 2018; “12X12”, Galeria Arte Graça, Lisboa, 2018; “Elogio da matéria”, Galeria Pintor Fernando de Azevedo, Sociedade Nacional de Belas Artes, 2019; Galerias Abertas da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, 2019; “Prémio SGPCM, FBAUL” — Secretária-geral da Presidência do Conselho de Ministros, 2019; “Montras 2019” — Cultivamos Cultura, Odemira, Aldeia de S. Luís, 2019; “Pinceladas expressões impressões”-Museu de Arte Sacra, Covilhã, 2019; “Contemporary Interventions in Memory — Dialogues and Silence”, Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, 2019; “Il Goldrartes”, Tinturaria-Galeria de Exposições, Covilhã, 2019; como também exposições individuais: “Alguém”, União de Freguesias do Teixoso e Sarzedo, Teixoso-Covilhã, 2018; “Sopro Mortal”, Galeria António Lopes, Covilhã, 2019.



DANIELA LANDEIRO

São Sebastião da Pedreira — Lisboa, 1999. Viveu e completou a sua formação pré-universitária na Escola Secundária Artística António Arroio, Lisboa. Atualmente vive em São João da Talha, Lisboa e frequenta o 2º ano de Licenciatura em Escultura, na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Ao longo do seu percurso académico sempre teve bastante interesse pelo mundo da arte, pelo desenho, pintura e cerâmica. Mais tarde no ensino secundário ganhou interesse pela joalharia contemporânea. Assim no ano de 2017/18 Participou no programa ERASMUS+ na Escola Secundária Artística António Arroio, tendo sido selecionada para ir à França, Saint-Amand-Montrond representar o país e a escola. Participando em palestras e na abertura da exposição das joias pela europa. Até ao presente ano tem vindo participou em algumas exposições coletivas e individuais: Concurso de Joias Pelas Escolas da Europa: Bélgica- Namur: Institut Des Arts, Techniques, Sciences et Artisanats; Saint Amand Montrond — França: Lycee Des Metiers Jean Guehenno; Valenza- Itália: Instituto D'Istruzione Superiore Benvenuto Cellini; Lisboa — Portugal: Escola Artística António Arroio; Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, 2019 — Galeria; “Cruzar Sentir e Partilhar”; Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, 2019; “Sente e Brinca Comigo”.



JOANA BATISTA

jsmb0392@gmail.com

Lisboa, 1992. Escola Secundária de Sampaio, Sesimbra. Curso de Artes Visuais — 2008-2011. Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa- Ingresso na Licenciatura em Ciências da Arte e do Património — 2011. Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa — Mudança para a Licenciatura em Pintura — 2012. AR.CO — Centro de Arte e Comunicação Visual — Curso de Pintura — 2016.



JOANA LEÃO ALVES

joanaminhoca@gmail.com

13 de Agosto de 1997, Lisboa. Completou o ensino básico no Colégio Moderno e no secundário ingressa na Escola Artística António Arroio, no curso de Realização Plástica do Espectáculo. Em 2016 entra no curso de Pintura na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa onde frequenta actualmente o 4º ano do mesmo curso. O seu interesse a nível artístico sempre foi bastante diversificado, desde o teatro, ao desenho, pintura, dança e circo. Recentemente tem explorado a área da Gravura em litografia e serigrafia. Actualmente trabalha como acrobata aérea e formadora de crianças e jovens na mesma área. 2003 — 2016 — Formação em teatro — Teatro Papa-Léguas (2003 — 2010), In-Impetus Escola de Actores (2009 — 2016). 2012 — 2015 — Educação em artes visuais — Escola Artística António Arroio — média de 15,8 valores. 2014 — colaboração num projeto do Museu-Atelier Júlio Pomar, em comemoração do 88º aniversário do artista. 2015 — Exposição Trans.Mutare no Centro de Cultura Contemporânea de Castelo Branco, em parceria com a SIMA. 2017 — participação a solo no programa televisivo Got Talent Portugal da RTP1. 2017 — início como formadora de crianças e jovens no Armazém Aéreo. 2018 — cerimónia de entrega de prémios do WorldSkills Portugal, Sines. 2019 — participação no Festival Internacional de Teatro MITEU, Ourense, Galiza, Espanha com o espectáculo inclusivo *A Pele Que Há Em Mim*. 2019 — actuação na abertura do evento global Business Transformation Summit, no LX Factory em Lisboa. 2016 — actualidade — Licenciatura em Pintura — Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa.



MARGARIDA VINHAIS

Margarida Vinhais nasceu no distrito do Porto em 1993. Frequentou o 1º ano da licenciatura de Artes Plásticas na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto no ano letivo 2012/2013, optando por continuar os seus estudos na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, onde concluiu a licenciatura em Pintura no ano 2018 e posteriormente frequentou o Mestrado de Pintura. Participou em diversos projetos como assistente de curadoria e em diversas exposições coletivas, sendo de destacar “*Trilogia de Mundos — Tapeçaria Contemporânea*” no Museu de Tapeçaria de Portalegre — Guy Fino em 2015 e “*Emergências: Ensino Artístico e Criação Têxtil*” na Contextile de 2018 em Guimarães.



MARIA MADEIRA

Frequenta o Mestrado em Gestão e Estratégia Industrial no Instituto Superior de Gestão e Economia (ISEG). Licenciada em Design de Equipamento pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa (2016 — 2019). Concluiu o 12º ano na área de Ciências e Tecnologias no Liceu de São João do Estoril — média 16,3 valores. Actualmente, alia à prática do design o trabalho como professora de ballet e é promotora na Associação Ecomar. Foi distinguida com o Prémio de melhor bailarina estrangeira (Sussex Summer School). Recebeu o 4º lugar no campeonato nacional vela DE e o 2º lugar distrital na classe Snipe. Participou nas edições de 2018 e 2019 dos GAB-B — Galerias Abertas das Belas-Artes.



MARIA MARCOS

Lisboa, 1998. Viveu e completou a sua formação pré-universitária no Algarve na freguesia de Portimão, na Escola Secundária Poeta António Aleixo no curso de artes. Atualmente vive em Lisboa e frequenta o 3º ano da Licenciatura de Escultura na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Desde muito nova que se interessa pelas artes plásticas, pelo desenho e ilustração. Durante a universidade interessou-se particularmente pela arte têxtil em conjunto com a escultura, a fotografia e a preformasse. Passou a 2ª fase do concurso “Prémio SGPCM, FBAUL” — Secretaria-geral da Presidência do Conselho de Ministros, 2019; e participou na exposição “Eu e o Outro” na Cisterna do Convento de São Francisco, 2019.



MARIA NASCIMENTO

Concluiu o Curso de Artes Visuais, na Escola Secundária Dr. Manuel Candeias Gonçalves (2012-2015) terminando com média de 17,6. Concluiu a Licenciatura de Pintura na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (2015-2019) terminando com média de 15 valores. 2016 — Exposição 12x12, Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. 2017 — Exposição Art-Lab Terra Incógnita, Museu da Tapeçaria de Portalegre Guy Fino. 2018 — Exposição Emergências — Contextile, Bienal de Arte Têxtil Contemporânea, Guimarães.

PURO INÓSPITO OU
A TRANSCENDÊNCIA DOS
OBJETOS CORPÓREOS
ARTLAB Tapeçaria
Contemporânea

12 DEZ 2019 — 31 JAN 2020
Galeria de exposições temporárias
do Castelo de Portalegre
Rua Luís Barahona
Tel.: 245 307 540
castelo@cm-portalegre.pt

Catálogo —

Organização e edição
FACULDADE DE BELAS-ARTES
UNIVERSIDADE DE LISBOA
Largo da Academia Nacional
de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa
Tel. [+351] 213 252 100
comunicacao@belasartes.ulisboa.pt
www.belasartes.ulisboa.pt

CÂMARA MUNICIPAL
DE PORTALEGRE
Rua Guilherme Fernandes, 28
7300-189 Portalegre
Tel. [+351] 245 307 400
municipio@cm-portalegre.pt
www.cm-portalegre.pt

Coordenação
Adelaide M. Teixeira**
Pedro Barbas**
Paula Fernandes**
Hugo Ferrão*
Emília Silva**

Colaboração
Carolina Baert
Jorge Alcântara

Design
Tomás Gouveia*

ISBN
978-989-8944-27-6

Exposição —

Produção
CMP / FBAUL

Coordenação
Adelaide M. Teixeira**
Pedro Barbas**
Paula Fernandes**
Hugo Ferrão*
Emília Silva**

Curadoria
Hugo Ferrão*

Montagem
Hélder Faria**
Hugo Ferrão*
Paula Fernandes**
João Castelo**

Colaboração
Carolina Baert
Jorge Alcântara
Elsa Quintino
Maria José Frederico

Divulgação
Isabel Nunes*
Teresa Sabido*
Gabinete de Imagem
e Comunicação da Câmara
Municipal de Portalegre

Lisboa, 2019

© dos textos e das fotografias,
os autores. © FBAUL, 2019.

*Faculdade de Belas-Artes, Universidade
de Lisboa; **Museu da Tapeçaria
de Portalegre Guy Fino

b
a

cieba

belas-artes
ulisboa

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

Este livro é financiado por fundos
nacionais através da FCT — Fundação para
a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito
do projeto UIDB/04042/2020.



Museu da Tapeçaria de Portalegre - Guy Fino
Câmara Municipal de Portalegre

